

UMA FOLHA EM BRANCO: A ARTE DE NARRAR HISTÓRIAS

Caroline Francielle Alves¹

Débora Santos e Silva²

Resumo: Essa pesquisa foi realizada com internos do centro de triagem de uma casa de reabilitação para moradores de rua, situada na cidade de Anápolis- Go, tentando entender os modos de vida desses sujeitos e os seus sentimentos em relação a suas vivências nas ruas. Para isso, foi realizada uma oficina de escrita criativa. Essa oficina teve como propósito influenciar a criação artística e escrita de si, para isso, foram entregues vários materiais para a livre criação, reflexão e expressão dos internos. O embasamento do nosso estudo se dá na concepção de Fischer (1976), Duarte Júnior (2004), Vygotsky (1999) Ana Mae Barbosa (2008) e Pareyson (2001). As produções de arte despertaram nos sujeitos investigados, a reflexão de si, passando assim, a perceber a realidade como algo que pode ser transformada.

Palavras chave: Criação artística, Escrita de si, moradores de rua.

INTRODUÇÃO

Os moradores de rua estão vinculados a um grave processo de exclusão e discriminação social. São vítimas dos preconceitos e de uma sociedade que os rejeita, assumindo de forma rígida o discurso lançado sobre si, sentindo-se, assim incapazes de mudar a sua realidade na qual estão inseridos.

Essa pesquisa foi realizada com internos do centro de triagem de uma casa de reabilitação para homens em estado de mendicância, situada na cidade de Anápolis- Go, tentamos entender como a Arte pode ajuda-los a construir, imaginar ou se projetar frente ao futuro. A oficina teve como propósito influenciar a criação artística e escrita de si, para isso, foram entregues vários materiais para a livre criação, reflexão e expressão dos internos.

¹ Aluna do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (IELT/UEG), colaboradora do Grupo ARGUS.

² Doutora em Teoria Literária (UNESP /2002) com Estágio Pós-doutoral em Literatura e Hipermedia pela Universidade Fernando Pessoa (UFP-Porto/2010/Bolsista CAPES). Pós-doutoranda em Arte e Cultura Visual (UFG/2016). Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT/UEG). Professora do Curso de Letras do CCSEH. Coordenadora do Projeto de Pesquisa ENSINO, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E PROCESSOS DE LETRAMENTO NA CIBERCULTURA. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

A arte tem um papel fundamental na formação do indivíduo, pois o homem, ao “desenhar, pintar, modelar, gravar, recortar, colar, esculpir, cria gestos transfigurativos do e no mundo, não só porque articulam visibilidades, mas porque simultaneamente produzem humanização, ou seja, forjam modos singulares de ver e agir no coletivo” (POHLMANN E RICHTER, p, 30, 2015).

Nesse sentido, a arte é um instrumento para desenvolvimento individual. Barbosa (2008) explica que

a arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou a científica. Dentre as artes, as tendo a imagem como matéria-prima, torna-se possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como nos sentimos.

Assim, com essa pesquisa espera-se contribuir para uma reflexão sobre o ensino de Arte para a formação do sujeito, a fim de garantir a eles o direito à educação estética, à conscientização de sua autonomia enquanto sujeitos, numa nova perspectiva de individualidade, buscando entender quem são esses indivíduos e os como se sentem diante da situação de morar nas ruas, ajudando-os a construir um sentido à vida.

1 A arte de narrar história

A história da arte pode ser considerada tão antiga quanto o próprio homem, pois ela se configura como forma de dominação do mundo natural e na necessidade criada de expressar a experiência humana. Assim, por meio dela, o homem pode se apropriar do que já foi vivido, constituindo-se como uma forma de conhecer a si e ao mundo (Fischer 1976). A relação da arte como conhecimento de si e do mundo, mostra-se, portanto, como um oportuno tema para o início de nossas reflexões.

O indivíduo por meio da criação artística pode contar sua história, o que possibilita apreender conhecimentos específicos sobre a trajetória individual do sujeito, por meio desses conhecimentos específicos, o indivíduo pode refletir sobre uma nova trajetória de vida:

Ao narrar sua história, o indivíduo sente-se como ser-no-mundo e ao compreender-se como ser-aí, observa a luta, o tempo, a história, a lembrança do passado, projeta-se na constante (re)construção de si. Reconstruir, regatar, redescobrir é forma de romper com as amarras mentais [...] (CASTRO, 2014, p. 92).

Assim, uma educação estética pode possibilitar ao indivíduo o rompimento das amarras mentais, o indivíduo ao se apropriar do que já foi vivido, por meio da arte, resignifica o passando, criando uma nova visão de si e do mundo. Nesse sentido, a arte possibilita uma reflexão e o indivíduo é forçado a organizar suas experiências de vida, passando a conferir novos sentidos à sua vida.

A arte não é apenas uma transmissão simbólica de conhecimento, mas se configura como um processo formativo do humano. “Um processo que envolve a criação de um sentimento para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares” (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 72). Portanto, a educação estética age sobre os sentimentos do indivíduo, fazendo refletir sobre seus próprios percursos, ou seja, sua história. Assim, o contato com a arte possibilita ao homem pensar no mundo, fazendo-o que se sinta parte da dele.

Deste modo, a criação artística pode trazer ao homem um sentimento de ser íntegro, humano. Fischer (1976, p.57) tendo em vista a integração do humano à sociedade, explica que a arte “capacita o sujeito para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la, como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torna-la mais humana e mais hospitaleira para a sociedade”. Assim, através da criação artística o indivíduo se projeta no mundo, adquire um sentido enquanto ser pertencente e atuante na sociedade.

A arte deve ser vista, também como um instrumento cultural, ao qual determina em sua forma e conteúdo, aumentar as forças do ser humano como; abstração, criatividade, percepção, emoção e imaginação (VYGOTSKY, 1999). O autor explica ainda que, a arte é uma forma de objetivação da história e dos sentimentos humanos, por isso, ela estimula e promove operações psíquicas, nas quais acontece o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tais como: a percepção, a memória, a imaginação, a fantasia e a criatividade. Para Kohl (1995), é por meio desses desenvolvimentos que é possível que o sujeito mude a realidade ao qual está inserido, pois a criação artística ao desenvolver essas funções psicológicas proporciona ao sujeito uma nova percepção da realidade na medida em que cria formas sensíveis de interpretar o mundo e o próprio homem.

Na criação da arte, pode-se “reconhecer o caráter artístico do próprio grupo social que à produz” (PAREYSON, 2001, p. 117), sendo expressão, fruto do meio e das condições em que são produzidas.

A arte é produto do ambiente: ela reflete uma época, um povo, um grupo. A individualidade do artista não é senão o tramite desta voz coletiva que busca expressão na arte: não criadora, mas portadora, não inventora, mas executora, não iniciadora, mas mediadora (PAREYSON, 2001, p. 99).

O indivíduo ao criar a sua obra de arte assegura que sua cultura tenha identidade própria, assim, por meio da criação artística é possível proteger as diversidades culturais, reconhecendo os grupos minoritários que muitas vezes não são valorizados pela cultura dominante. Nesse sentido, a arte proporciona ao sujeito participar da sociedade, mostrando a cultura do grupo social ao qual pertence e as identidades dos indivíduos que as produzem. Portanto, a arte deve ser vista não como fruto de um homem só, o artista, mas como um objeto cultural, elaborado sob dada técnica construída socialmente, com dada temática para objetivar os sentimentos e, entendemos as capacidades mentais tipicamente humanas. Podemos então, pensar na arte como uma prática social, e cultural do homem e de sua coletividade (VYGOTSKY, 1999). Assim, por meio da arte podemos entender o que os moradores de rua sentem.

E é nesse contexto sociocultural multi/controverso que a arte se encontra, desafiado pelo papel que ocupa na formação do sujeito complexo contemporâneo, com o fim de capacitá-lo a exercer sua cidadania com responsabilidade social e comprometimento ético, sem se esquecer das prerrogativas da autonomia e das identidades. Uma educação estética deve, também, referir-se à atitude do sujeito perante o mundo, o estabelecimento de uma relação sensível, de harmonia entre o homem e o mundo – relação está que pode se ampliar para possibilitar o diálogo interdisciplinar entre as diversas áreas do saber e as diferentes dimensões do humano, tendo em vista as suas necessidades físicas, materiais, intelectuais, afetivas e espirituais.

2 População em situação de rua

A sociedade brasileira é multicultural. Para Canen (2001), isso implica compreender as diversidades étnicas e culturais de diferentes grupos sociais que a compõe. Porém, significa também compreender as desigualdades no acesso aos bens econômicos e culturais por parte de grupos sociais minoritários. Dentre esses grupos sociais minoritários, se encontram a população em situação de rua, que são um grupo “invisível” socialmente.

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das

proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento³.

Incapazes de superar essa condição, para assim, se reinserir na vida social, os moradores de rua vão cada vez mais se afastando da vida coletiva. Passam a viver a margem da sociedade. Tornando-se “invisíveis”, pois deixam de participar de movimentos sociais, tais como: econômico e político, não sendo mais reconhecidos como cidadãos, por não exercerem seus direitos e deveres na sociedade.

Essa pesquisa foi realizada em uma instituição filantrópica⁴ que tem por objetivo a recuperação de homens em estado de mendicância. Oferece 380 leitos e atende os internos em três etapas: triagem, recuperação e reintegração. A pesquisa foi realizada apenas no Centro de Triagem, em Anápolis- GO, que é destinado especificamente a receber moradores de rua nos primeiros 60 dias do programa de recuperação. Nessa etapa, os internos da instituição se encontram frágeis e sem nenhuma perspectiva de futuro.

O grupo de pesquisa ARGUS desenvolveu oficinas de fruição e criação artística, para isso, foram entregues vários materiais para a livre criação, reflexão e expressão dos internos. O nosso objetivo de pesquisa não era a obra feita e nem a obra a fazer: é a obra se fazendo, o próprio processo criativo. Por essa razão, será analisado tudo que se diz respeito ao processo de criação dos internos, nos quais a linguagem artística é ao mesmo tempo substância e meio (PASSERONI, 1989 apud REY, 2002).

3 Uma folha em branco: resultados e discussões

Uma educação estética encontra seu ponto crucial na discussão das imagens que fazem parte do cotidiano do indivíduo e da reconstrução da memória, possibilitando, por meio destas, refletir sobre si mesmo. Diante disso, Pillar (2014) observa que ver é dar significado; e esse significado se constrói a partir das relações que estabelecemos entre nossas experiências e o que estamos vendo. Assim, é importante uma educação estética que ajude o sujeito a refletir sobre si mesmo.

³ Dados retirados da Pesquisa Nacional Censitária e Por Amostragem da População em Situação de Rua, realizada em 2007, sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

⁴ Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, optamos em não citar o nome da instituição na qual essa pesquisa foi realizada.

Nesse sentido, Ana Claudia de Oliveira explica:

Somos sujeitos culturais e sociais, buscando e encontrando o mundo que nos circunda em sua complexidade constitutiva e que nos apareça como um universo de sentido [...] os textos visuais, as imagens, enquanto práticas culturais transitam entre o sensível e o inteligível, práticas nas quais os sujeitos que atuam estão em busca de construir um sentido à vida (1995, p 18. Apud BARBOSA, p.198).

Nota-se que a criação artística possibilita analisar os modos de vidas dos sujeitos, o modo como se enxergam a si mesmo e aos outros e os sentidos que emergem de suas vivências, ou seja, sua história.

Nessa oficina, levamos trechos de narrativas de moradores de rua para discutimos temáticas referente aos estigmas, preconceitos, medos de encarar a reinserção social e entre outros. Após as discussões, pedimos para que pesquisassem nas revistas imagens que demonstrassem quem eles eram. Os questionamentos foram: Quem sou eu? O que a imagem escolhida me lembra?

Nas produções de arte dos internos, emergiram três temáticas: morar nas ruas, o preconceito, estigmas e o desejo de mudar de vida/reinserção social. Por questão de limitação espacial, serão analisadas apenas três produções, porém o que apresentamos abaixo é o que constatamos em todas as produções analisadas.

Figura 1. Oficina de produção artística.

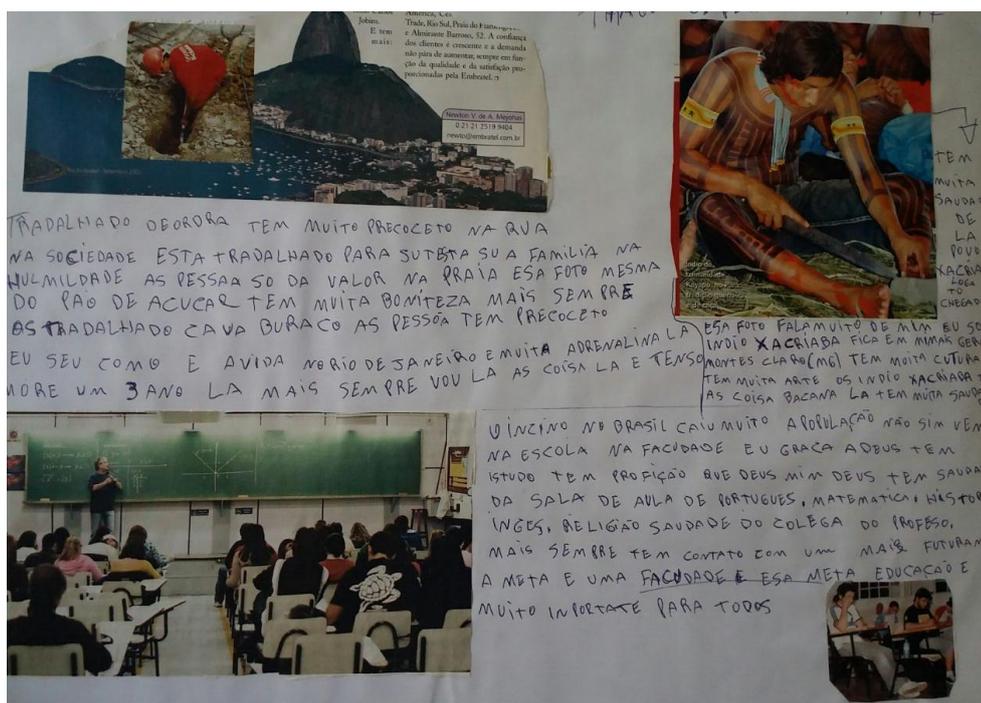


Fonte: acervo fotográfico da autora

Isso me faz lembrar do tempo em que passei nas ruas de Goiânia, próximo a minha casa no setor universitário, morei quatro anos na rua, para ser mais exato na praça universitária, próximos aos prédios da UFG e PUC. Ficava ali vigiando os carros usando drogas e bebidas. Foi um tempo ruim da minha vida (Fonte: texto transcrito da imagem acima).

O interno relata o tempo que passou nas ruas e, ao refletir sobre isso, chega à conclusão que “foi um tempo ruim”. O que o teria levado a viver nas ruas foram o uso de substâncias químicas. Na produção constatamos que, por meio das lembranças, emergiram valores, crenças e percepções de atitudes consideradas por ele como erradas. O interno finaliza sua produção mostrando que, tem consciência que uma nova história precisa ser escrita e cria perspectivas de futuro de forma crítica e irônica, “agora eu sei que vai dar certo porque errado já deu”.

Figura 2. Oficina de produção artística.

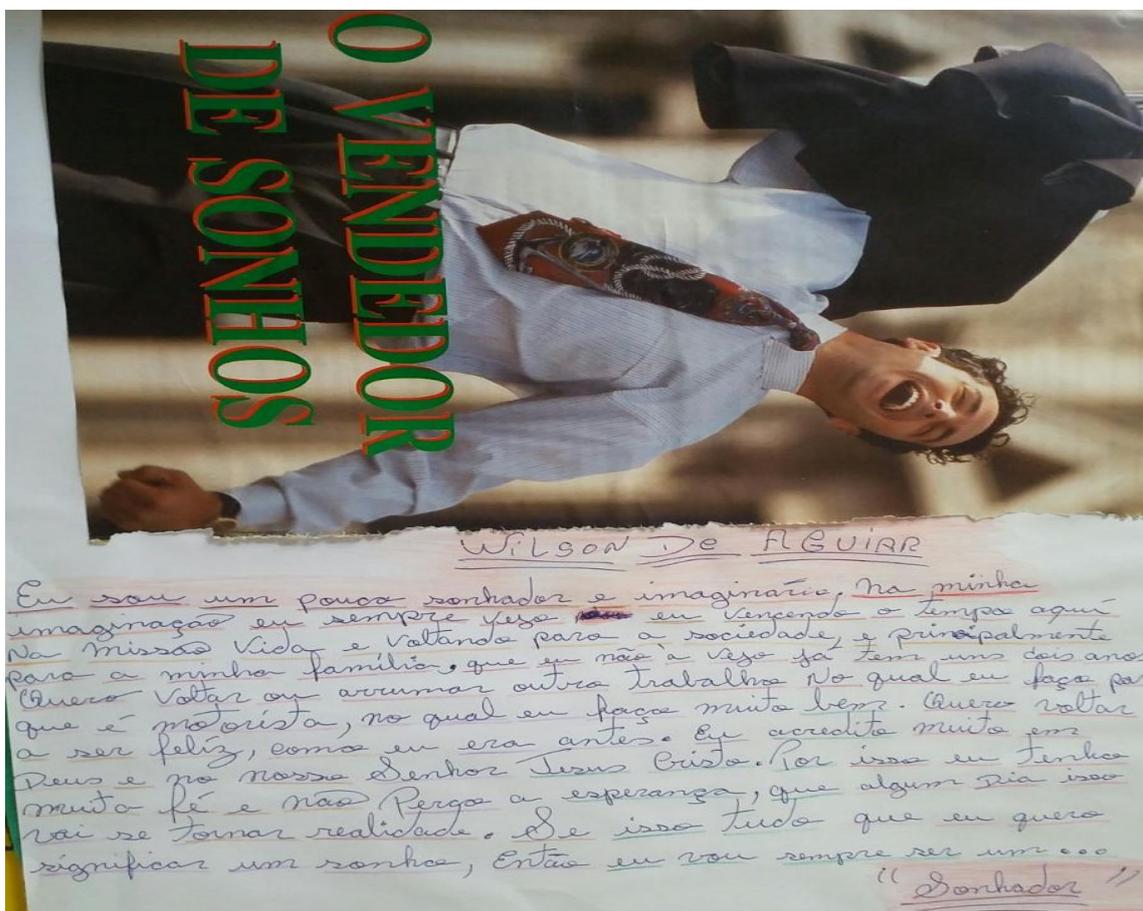


Fonte: acervo fotográfico da autora

[...] tem muito preconceito na rua, na sociedade. Estava trabalhando para sustentar a família na humildade, as pessoas só dão valor a praia. Essa foto mesmo do pão de açúcar tem muita beleza, mas os trabalhadores no buraco ninguém vê, as pessoas têm preconceito (Fonte: texto transcrito da imagem acima)

O artista nos explica que os “trabalhadores no buraco” se refere aos moradores de rua, para ele essas pessoas são “invisíveis”, ninguém se importa. Nesse sentido, concordamos com Hall (2006) que, a nossa identidade é preenchida através do nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos outros. Como esses indivíduos são vistos sempre como pessoas incapazes e fracas passam a acreditar e assumir essa identidade. Assim, começam a se sentir sem perspectiva frente ao futuro, pois não se sentem merecedores de o ter. Passam então a se isolar do convívio social, sentindo sempre sozinhos, sem apoio e excluídos.

Figura 3. Oficina de produção artística.



Fonte: acervo fotográfico da autora

[...] na minha imaginação sempre me vejo vencendo meu tempo aqui e voltando para a sociedade, principalmente para minha família que eu não vejo há dois anos. Quero voltar, arrumar outro trabalho de motorista, isso eu faço muito bem! Quero voltar a ser feliz como antes. Acredito muito em Deus e em Jesus Cristo. Por isso, tenho muita fé e não perco a esperança, que isso um dia vai se tornar realidade [...] (Fonte: texto transcrito da imagem acima).

A produção artística proporcionou a esse indivíduo um momento de revisão dos fatos passados, possibilitando criar estratégias para o futuro, passando a pensar em novas possibilidades de emprego e de reinserção social, para assim, ser aceito pela família e sociedade. Assim, o interno passa a enxergar a realidade como algo que possa ser mudada.

Nesse sentido, a produção de arte possibilita ao indivíduo uma reflexão sobre si, criando uma nova visão da realidade. Nesse sentido, a arte possibilitou uma reflexão em que o interno pode organizar suas experiências desordenadas, passando a conferir novos sentidos à sua existência.

Considerações Finais

Em nossas oficinas constatamos que a dependência química teria sido o motivo desses homens passarem a viver nas ruas. O uso dessas substâncias estava diretamente relacionado com conflitos familiares, fracassos, traumas de infância, brigas, perdas, morte, abandono e o desejo de ser aceito em um grupo social durante a adolescência. Esses indivíduos, aos poucos foram perdendo a perspectiva de um projeto de vida, passando a usar as drogas para fugir dessa realidade.

Constatamos que, por meio da arte, os indivíduos puderam se tornar protagonistas da sociedade em que estão inseridos. Ajudando o indivíduo a reforçar sua identidade, aumentar sua autoestima, superar preconceitos e transformar seu futuro. As produções de arte desenvolveram a criatividade, reflexão, memória e imaginação de forma que os internos passaram perceber a realidade como é algo que possa ser mudada.

Nessa pesquisa, o ensino de Arte se mostrou um meio profícuo para compreender a multiplicidade de sentidos atribuídos pelos narradores às situações vivenciadas. Permitiram chegar ao entendimento do texto e contexto mais amplo, diferenciados e mais complexos das experiências vividas por esses sujeitos “invisíveis” dentro da sociedade. Pudemos compreender o quanto se sentem excluídos pela sociedade e que, passam a assumir e aceitar os preconceitos lançados sobre si.

A produção de arte aflorou, nesses sujeitos, valores, compreensão de mundo, percepção das experiências, atitudes, recordações, desejos de (re)construir o futuro. Nesse sentido, a arte proporcionou aos indivíduos uma nova forma de ver o mundo, de agir, viver, pensar e de refletir sobre si mesmo. Pela arte foi possível, também, dialogar com os valores

sociais, no cotidiano, conduzindo os indivíduos à tomada de consciência de seu papel ativo na sociedade.

Referências

BRASIL. 2008. Política nacional para inclusão social da população em situação de rua. Decreto de nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). **Arte/Educação Contemporânea: consonância Internacionais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008

CANEN, Ana. **Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural**. Educação e sociedade, ano XXII, n77, dezembro/2001.

CASTRO, Raimundo Márcio. **Ensino religioso na escola pública: histórias e memórias**. São Paulo: Editorial, 2014.

DUARTE JÚNIOR, J.-F. **Por que arte-educação?** 15. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

FISCHER, E. (1976) **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro." *Rio de Janeiro, DP&A* (2006).

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POHLMANN, Angela Raffin, e RICHTER. O poder ficcional das linguagens plásticas: Afinidades entre o processo de criação na arte e na pedagogia. **Revista visualidades**. Ed.11, (2015): 28-37.

PILLAR, Analice Dutra (org.) **A educação do Olhar**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS (2002): 123-140.

KOHL, Marta. **Vygotsky : aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 2.^a ed., São Paulo:Scipione, 1995. Col. Psicologia da Educação.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes. (1999).